

# A escola e a produção de sujeitos higienizados<sup>1</sup>

Heloísa Helena Pimenta Rocha  
José Gonçalves Gondra

## Resumo

Este trabalho analisa o processo de escolarização no Brasil, entre a segunda metade do século XIX e o início do XX, interrogando se e como a educação foi configurada no interior do amplo projeto de intervenção social formulado pela corporação médica. Visando examinar, mais precisamente, as representações sobre o corpo físico dos alunos e alunas, recorreremos a dois tipos de fontes: as teses defendidas pelos concluintes do curso de medicina, como requisito para obtenção do título de doutor, e manuais produzidos por médicos, no exercício da profissão, com o objetivo de divulgar noções de higiene e orientar as práticas médico-higienicas no cotidiano das escolas.

Palavras-chave.

Educação - História; Higiene Escolar.

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo - USP.

Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ  
Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo - USP.

## Introdução

Neste trabalho procuramos refletir sobre o processo de escolarização no Brasil, entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Para tanto, elegemos uma entrada específica, a partir da qual desenvolvemos a presente reflexão. Buscamos interrogar se a educação compareceu no amplo projeto de intervenção social formulado pela corporação médica (MACHADO, 1978; FREIRE, 1984; HERSCHMANN, 1994; MARQUES, 1994; SCHWARCZ, 1995) e como a mesma foi configurada no interior desse projeto. Detivemo-nos, mais precisamente, na análise das representações construídas acerca do corpo físico dos alunos e alunas, de modo a testar a hipótese da permanência das mesmas na transição entre os séculos XIX e XX. Hipótese essa que adquire relevo especial se considerarmos a ocorrência de transformações na esfera do trabalho, das relações sociais, do traçado dos espaços urbanos e no regime político, para enumerar algumas. Admitida, portanto, a idéia de mudança contida nesses processos, mais provocativo ainda se torna o exercício a que nos propusemos nesse texto, procedimento que nos auxilia a pensar a história, menos como um todo homogêneo e mecanicamente articulado que como uma efetiva trama, na qual as dimensões da transformação convivem de modo tenso com o que luta por permanecer, instaurando-se um complexo jogo em um campo de possibilidades e resultados inesperados.

Para checar nossas hipóteses, recorreremos a dois tipos de fontes distintas. A primeira delas constitui-se nas teses que os concluintes do curso de medicina defendiam como requisito necessário para obtenção do título de doutor. A segunda, nos manuais escritos por médicos, com a finalidade de guiar as aulas de higiene nos cursos de formação de professores, bem como as práticas médico-higiênicas que deveriam ser adotadas no cotidiano das escolas. Esses dois materiais permitem problematizar uma suposta formalidade da prática de escrita e de sustentação das teses médicas, a qual procurou instaurar outras práticas incorporando, desse modo, outros objetos na gramática originalmente forjada e cultivada no âmbito do espaço e tempo de formação dos doutores, o que fica evidenciado, por exemplo, na escrita dos manuais de higiene escolar e das obras de divulgação dos preceitos higiênicos.

Como se sabe, as primeiras iniciativas voltadas para a formação em nível superior no Brasil foram instituídas em torno da formação médica, seja pela necessidade apontada pela nosografia tropical, seja pela necessidade de cuidar do ferido da guerra. Doença e guerra constituem-se, pois, em um argumento poderoso que, para nós, explica e justifica as primeiras iniciativas formais de instalação da medicina no Brasil. Ao se institucionalizar de modo mais complexo, essa formação passou a exigir a expressão pública das competências adquiridas por aqueles homens que deveriam ser, então, portadores de um saber sobre o organismo do sujeito individual, mas também de um saber que os autorizava a dispor sobre as coletividades e sobre a vida social. Saber que deveria ser registrado de modo a produzir uma espécie de memória, materializada, no caso, em formato de teses, cuja defesa contou, muitas vezes, com a presença do imperador e de membros diretamente vinculados às altas hierarquias do Estado Imperial, além, evidentemente, dos examinadores da própria Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Considerando, então, a tese como um atestado de acumulação, de finalização, autorização e ingresso, cabe interrogar sobre os temas recobertos pelo discurso médico, procurando examinar como os mesmos são aí abordados e tratados. Nesse momento, o nosso interesse incide sobre a questão da escola e, mais especificamente, sobre as representações construídas em torno da questão do corpo físico; interesse que nos levou a selecionar uma das primeiras teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a dar ênfase a essa questão, a partir do que trabalhamos com um primeiro nível de aproximação; isto é, das representações médicas acerca do objeto educacional e do modo como são previstas e prescritas intervenções na constituição física dos escolares.

## Formação médica e educação escolar

No dia 9 de Dezembro de 1852, o jovem Francisco Antonio Gomes, natural de *Pirahy* (Província do Rio de Janeiro), filho de médico, diga-se de passagem, filho *legítimo* do Comendador Dr. José Luiz Gomes, realiza seu ritual de finalização do curso de medicina, desenvolvendo três questões tiradas à sorte, em torno das quais deveria demonstrar competências discursivas para o exercício profissional e para o definitivo ingresso na ordem médica oficial. Uma das questões obri-

gou esse jovem a abordar a influência da educação física do homem, constituindo-se o seu início em uma espécie de louvação à figura dos educadores, na medida em que se atribui à ação dos mesmos a possibilidade de mudar a face do mundo, reatualizando a representação redentora dessa prática no âmbito da racionalidade médica. Para ele, educar configurava-se em uma ação com um triplo desdobramento: direção do físico, aperfeiçoamento da moral e cultivo da razão e da inteligência. Tais desdobramentos, por sua vez, implicariam, cada qual, na instauração de polaridades. No que diz respeito ao corpo, opunha raquitismo e fraqueza à robustez e força; no que se refere ao aspecto moral, a polarização girava em torno das imagens do demônio e do anjo e, no que se refere à razão, opunha à ignorância, a sabedoria. Educar, portanto, deveria almejar produzir um indivíduo forte, robusto, com qualidades angelicais e sábio.

Ao especificar que sua tarefa era analisar o homem naquilo que dizia respeito ao aspecto físico, o Dr. Gomes assinala que a preocupação com a constituição física dos homens deveria anteceder a própria gestação e nascimento. Com isso, ele traça um conjunto de prescrições voltadas para a higienização do casal, isto é, da família nuclear. Em seguida, destaca o papel dos partos e das parteiras (ou aparadeiras), indicando que tal ofício deveria estar submetido aos cânones da medicina para, ato contínuo, tecer considerações e recomendações voltadas para a preservação da vida do recém-nascido: os cuidados com as roupas, com a cabeça, o asseio, os cabelos, os dentes, as unhas, os banhos, os alimentos e os exercícios ao ar livre.

Finalmente, esse médico aborda a idade de ingresso nos colégios, denunciando que a organização escolar, da forma como vinha funcionando, caracterizava-se como lugar da imobilidade e do vício, em oposição, portanto, aos imperativos mais caros à ciência médica. Nesse sentido, contra a escola da precocidade, afirma que: “É de summa necessidade que o menino comece os seus estudos só na idade de 7 anos, e nunca antes”. Contra a escola da passividade, defende que a “instrução então deve ter por objecto as cousas que cahiam imediatamente debaixo dos sentidos, e que, fixando a atenção, façam nascer ideas, e exercitem a memoria”.

Acrescenta, ainda, críticas no que diz respeito ao currículo, à alimentação e à organização do tempo escolar.

O novo ordenamento escolar proposto pela doutrina médico-higiénica visa pôr fim aos semblantes plácidos, descarnados, contristados e sem expressão que, segundo o diagnóstico desse médico, é o que se podia ver ao lançar um “golpe de vista para os pensionistas de nossos collegios”. É pois, contra esse quadro que ele convoca a solidariedade dos “directores dos collegios” para com o conceito de educação que a higiene queria ver legitimado:

Os directores dos collegios se devem compenetrar do grande valor, e alcance, da palavra – educação – e de que na infancia o cerebro precisa de repouso, e os musculos de exercicio. A duração das classes deve ser diminuida; a dos recreios augmentada; o genero de exercicios deve ser proporcionado ás idades, e constituição dos alumnos; grande intervallo deve haver entre as refeições e as classes; entre a da noite e o somno deve mediar pelo menos duas horas; e o infante deve deitar-se mais cêdo, do que o adulto (GOMES,1852,p. 13).

Ao caracterizar a educação da infância como tempo do repouso para o cérebro e de exercício para os músculos, ele complementa a codificação do tempo escolar, invadindo os recreios, indicando os exercícios que deveriam ser privilegiados nessa ocasião: a música, o canto e a dança. A primeira porque “desenvolve e regula as aptidões do órgão da audição”; o segundo porque “põe em acção os órgãos respiratorios, comunica-lhes a força, e engrandece o peito” e a dança porque “além de desenvolver, como ja dissemos os membros inferiores, imprime ao corpo movimentos regulares e regula a cadencia”. Aliás, a preocupação com o preenchimento do tempo livre constitui-se em um princípio caro à higiene, na medida em que o tempo cheio e ocupado, especialmente pelos exercícios físicos, era entendido como uma eficaz medida preventiva dos “vícios” que poderiam ser aprendidos e praticados durante o tempo “vazio”, não vigiado.

A nosso ver, a radicalização da defesa dos exercícios corporais pode ser entendida como expressão do combate àquele que era considerado o mais grave e terrível dos vícios; o onanismo:

Os males, porém, que resultam das paixões que acabamos de mencionar [zelo, inveja e cólera] estão longe de entrar em paralelo com os que o terrível e abominável vício da masturbação arrasta sobre a cabeça da mocidade! O desgraçado, que se entrega a este vício hediondo, aniquila seu physico, perverte o seu moral, reduz sua intelligencia a mais completa nullidade e traz estampado em seu semblante o vergonhoso e indelevel ferrete de sua ignominiosa paixão. A pallidez, a magresa, o encovamento dos olhos, a mollesa, a melancolia, o praser de viver isolado, a perda do appetite, e mil outros incommodos lhe vão minando a existencia, até que a demencia e muitas vezes a morte venha terminar tão funebre cortejo. Tão funestas consequencias devem obrigar o educador a vigiar por toda a parte o seu educando, procurando tiral-o do isolamento, affastal-o da tristeza, entregal-o aos differentes exercicios, como a natação, a esgrima, a dansa, lucta, etc., não permitir-lhes dormir a sós em cama separada, e em lugar retirado, nutri-lo de alimentos temperantes, pouco nutrientes e excitantes. E se por taes meios não tiver conseguido d'elle o abandono de tal vicio, tratará então de fallar-lhe ao coração, pintando com as mais negras côres os males que seguir-se devem a tão vergonhosa paixão. Com o auxilio de taes meios chegar-se-ha, senão sempre, ao menos no maior numero de casos, a obter o resultado desejado (GOMES, 1852, p. 12).

Exaurir fisicamente o corpo e entorpecer o espírito de aconselhamento moral consubstanciavam-se em estratégias para interditar as práticas masturbatórias dos meninos que, de acordo com a perspectiva da ordem médico-higiênica, concorriam para impedir a constituição de um corpo forte e robusto, de uma boa moral e da savoria desejada. No cumprimento desse roteiro estaria, para o Dr. Gomes, o remédio contra o raquitismo e a fraqueza, contra o demônio dos vícios e da ignorância. Para esse médico, porta-voz da doutrina de seu officio, se aqueles que se achavam à testa dos estabelecimentos de educação seguissem cuidadosa e obedientemente o roteiro prescrito, estariam desempenhando “o seu dever, e importante missão que lhes foi confiada, e terão satisfeitos os desejos ardentes daquelles que lhes houverem confiado seus filhos”.

A doutrina da higiene, forjada nos ambientes de formação e de articulação político-científica da ordem médica, não ficou a eles circunscrita, pois a aquisição da legitimidade desejada só foi possível pelo emprego eficaz de estratégias de difusão de seus princípios, o que foi feito com o recurso à imprensa, folhetos, literatura, parlamento, círculos mais ou menos privados e também à escola, ao longo do século XIX<sup>2</sup> e princípios do XX<sup>3</sup>. Nesse sentido, uma incursão em manuais e guias de higiene, produzidos e utilizados no início do vigésimo século, nos permite apreender importantes aspectos dessas estratégias de difusão de modos de conduta e de modelos de organização escolar postulados pela doutrina médico-higiênica, assim como o lugar que ocuparam, no âmbito dessa produção, as representações que visaram o disciplinamento do corpo infantil. Considerando, pois, esses manuais e guias como expressão das estratégias de intervenção dos médicos sobre o cotidiano escolar, selecionamos um livro publicado pelo inspetor sanitário Dr. Balthazar Vieira de Mello, profissional que viria a assumir, durante um largo período, a direção do Serviço de Inspeção Médica Escolar de São Paulo, criado alguns anos após a publicação dessa obra e com base nos princípios ali traçados.

## Ofício médico e educação escolar

O conjunto de gravuras de crianças sentadas, desenvolvendo exercícios de escrita, constitui-se num dos aspectos que chamam a atenção na leitura da obra do Dr. Vieira de Mello, intitulada *A Higiene na escola*. De costas ou de perfil, sentados em bancos ou em carteiras, os corpos infantis, representados nas gravuras disseminadas ao longo do texto, ilustram as posturas corretas, as “posturas viciosas” e, ainda, os desvios da coluna vertebral resultantes de posturas inadequadas assumidas pelas crianças durante os exercícios escolares, destacamente, os de escrita. Mais que uma ilustração, entretanto, essas gravuras operam no sentido de afirmar o modelo a partir do qual deveria se organizar a escola primária. Modelo esse que não se esgota na indicação de uma postura correta para os exercícios escolares, mas procura inscrever o corpo infantil num universo escolar em que espaço, tempo, materiais escolares e práticas deveriam ser redefinidos com base nos princípios médico-higiênicos.

Publicada em 1902, com a autorização e, muito provavelmente, sob os auspícios do Governo do Estado de São Paulo, por um médico investido do cargo de inspetor sanitário nos quadros do Serviço Sanitário, A

*Hygiene na escola* é considerado por Lima (1985), no estudo que empreende sobre a constituição do campo da saúde escolar no Brasil, como um trabalho pioneiro, tanto pela sua amplitude como pela organização. No que se refere à sua estrutura, o livro compõe-se de um prefácio, oito capítulos, um apêndice sobre inspeção médica escolar e as conclusões. Os seis capítulos iniciais tratam de questões que se referem ao meio escolar e à organização do trabalho pedagógico; nos seguintes, o autor aborda as moléstias, classificando-as naquelas que são adquiridas e nas que se propagam na escola. Como corolário do estudo, o apêndice se articula em torno da defesa da necessidade da inspeção médica periódica das escolas públicas. Nas conclusões, o autor reafirma, de modo resumido, as suas posições em relação aos temas tratados.

Apresentando os objetivos visados pela obra, o Dr. Vieira de Mello a define como um trabalho de propaganda, comprometido com a divulgação de noções práticas de higiene escolar entre os responsáveis pelo desenvolvimento intelectual e físico da infância e mocidade. A obra, entretanto, não cumpre apenas a função de difusão dos preceitos higiênicos, de modo a colocá-los à altura de tantos quantos, envolvidos com a educação das crianças e jovens, viessem a se interessar pelo assunto. A seleção dos temas, a sua organização e o diálogo que estabelece com o leitor articulam-se no sentido de afirmar a necessidade da vigilância higiênica sobre a escola, nos seus mais diferentes aspectos – desde a localização do edifício escolar até a divisão do tempo e a escolha dos métodos e processos de ensino – e, ao mesmo tempo, de oferecer um modelo de organização a ser seguido pelas escolas. Nesse sentido, podemos ler no prefácio:

Sendo este trabalho de propaganda e, ao mesmo tempo, devendo servir de estalão para as nossas escolas e estabelecimentos de ensino, dividimos-o em tantos capítulos quanto os pontos a elucidar, facilitando desta arte, a consulta e leitura.

Assim, estudamos a situação, orientação e construção do edifício escolar e o material de ensino, as posições e atitudes escolares; os métodos e processos de ensino; a distribuição das matérias, as horas de classe e de recreio; os exercícios físicos e a ginástica educadora; as

molestias que se adquirem ou se podem transmitir no meio escolar e os meios de impedir o seu desenvolvimento (MELLO, 1902, p. Vii).

Pautando-se em uma representação da higiene como ciência enciclopédica, que recobriria um vasto campo de saberes e seria capaz de oferecer respostas aos mais diversos problemas da vida social e, nesse particular, da organização escolar, o autor expõe a amplitude do plano da obra:

A higiene escolar abrangendo largo campo de conhecimentos, este trabalho precisa obedecer a um plano igualmente amplo, no qual sejam incluídos a pedagogia, a engenharia sanitária, a higiene pública e privada, a clínica geral e especial.

Espaço, tempo, mobiliário, material escolar, métodos e processos de ensino, exercícios físicos e ginástica, escrita e leitura, considerados do ponto de vista da adequação aos cânones da higiene, constituem-se em algumas das questões abordadas. Os capítulos finais voltam-se para o estudo das doenças, separando-se aquelas que se adquirem no meio escolar daquelas que teriam na escola o seu meio de propagação, devendo-se assinalar a importância de que se reveste, no conjunto da obra, o capítulo que versa sobre as doenças adquiridas na escola.

A dimensão espacial é discutida tomando por base os seguintes aspectos: situação e construção do edifício escolar; ventilação, iluminação e limpeza. Distinguindo a escola das habitações, no que se refere aos preceitos sanitários que deveriam ser observados, o autor destaca o valor de um plano inteligente e prático, em que fossem levados em conta: a localização da escola e as suas vizinhanças; a disposição das salas de aula, do refeitório, dos aparelhos sanitários; as dimensões da sala de aula; a circulação do ar e da água; a iluminação.

Participando da constituição da escola como um “lugar de ensino” – segundo a expressão de Frago (1998, p.69), na sua análise sobre a escola como: “lugar especificamente pensado, desenhado, construído e utilizado única e exclusivamente para esse fim” –, o discurso médico-higienista define uma localização para a escola na cidade, propõe modos de organização do espaço escolar e, ao mesmo tempo, define uma dimensão educativa para esse espaço.

Quanto à localização da escola, vale destacar as interdições que se constituem, nesse discurso, em relação às vizinhanças:

Nas localidades pouco populosas a escola deve, tanto quanto possível, ocupar a parte central; nos centros populosos, ao contrario, deve-se preferir as ruas ou praças de menos transito, para o fim de evitar o ruido e subtrahir as creanças ao perigo dos carros e outros vehiculos.

Numas e noutras, a escola deve ser afastada das fabricas, officinas, egrejas, estações de estradas de ferro, quartéis e prisões, hospitaes e cemiterios, estabulos e cocheiras, no duplo intuito de evitar o ruido das machinas, sinos, apitos de locomotivas e toques de corneta, que distrahem ou incomodam, e as exhalações, incommodas ou nocivas á saude. Deve-se tambem evitar a proximidade de edificios altos e de arvoredos frondosos que façam sombra e embaracem a ventilação da escola (MELLO, 1902, p. 7-8).

Longe dos ruídos e das exalações, do mundo do trabalho, da doença e da morte, a escola vai sendo pensada enquanto lugar de silêncio, atenção e, sobretudo, enquanto lugar de saúde. Segundo Escolano (1998), no bojo desse programa educador em que a arquitetura escolar se insere um outro aspecto a considerar é o que se refere à decoração das salas de aula. Decoração que, na concepção do Dr. Vieira de Mello, deveria ensinar às crianças, a todo momento, os princípios morais e higiênicos com base nos quais deveriam pautar as suas condutas:

Finalmente, as paredes das salas de classe devem ser decoradas com quadros historicos e repletas de inscrições sobre os deveres do alumno para consigo e a sociedade, e preceitos de hygiene escolar e privada, no que diz respeito especialmente ás posições e attitudes, ao asseio corporal e das habitações (MELLO, 1902, p. 8).

A preocupação em relação ao asseio das habitações parece indicar a intenção de transbordamento da ação dos médicos-higienistas, por meio de prescrições que não se restringiam aos comportamentos infan-

tis, no âmbito da escola, mas também no seio da família, constituindo-se, dessa forma, as crianças em porta-vozes da mensagem da higiene.

O mobiliário escolar – considerado do ponto de vista das suas dimensões, da distância entre o banco e a mesa nos exercícios de leitura e escrita, da altura e disposição do encosto do banco, da largura e inclinação da mesa – é tratado no mesmo capítulo que os materiais de ensino, atribuindo-lhes o autor igual nível de importância: “do ponto de vista hygienico, o material de ensino representa na escola papel analogo ao da mobilia” (MELLO, 1902, p. 19). Proporcionalidade entre a estatura do aluno e o mobiliário e adequação entre os materiais de ensino e os alunos de uma classe parecem traduzir-se numa só e mesma preocupação: a de repensar a escola e os objetivos do trabalho pedagógico em função das características infantis e, por outro lado, de modelar o corpo e a “alma” da criança por meio da ação da escola.

Assim, os livros, cadernos, lousas, lapis, canetas e pennas, cartas geographicas, globos terrestes e quadros, tudo, enfim, quanto constitue o material de ensino deve ser cuidadosamente escolhido pelo educador, na conformidade dos elementos da classe a seu cargo (MELLO, op. cit., p. 20).

Aos educadores não deveria parecer estranha a intervenção da higiene, mesmo em relação a questões hoje consideradas de natureza eminentemente pedagógica, cabendo antes repensar o seu trabalho em função dos preceitos higiênicos, na medida em que da articulação entre higiene e educação resultaria o equilíbrio entre o desenvolvimento físico e intelectual dos alunos. Posição essa que se expressa, com uma clareza meridiana, na seguinte afirmação: “Tudo na escola deve obedecer a um plano em que a hygiene e a pedagogia se dêem as mãos para o cabal desenvolvimento intellectual e physico da infancia e da mocidade”.

Nesse sentido, os métodos e processos de ensino também se constituiriam em objeto da atenção da higiene, sendo possível esperar, como resultado dessa associação entre higiene e pedagogia, a articulação de um trabalho pedagógico eficiente, já que calcado nas leis da ciência.

Isto posto, cumpre averiguar quaes os methodos mais racionaes e os processos mais engenhosos, faceis e rapidos para transmittir o pensamento por

meio da palavra articulada ou escripta, obedecendo aos preceitos da pedagogia e da hygiene.

Por mais que á pedagogia possa parecer estranha a intervenção da hygiene neste assumpto, não se póde contestar a sua influencia sobre os methodos de ensino, porquanto estes actuam em alto grau sobre o desenvolvimento physico e a saude intellectual da creança.

De facto, as faculdades intellectuaes e physicas da creança só podem ser harmonicamente desenvolvidas, se o educador basear o seu methodo de ensino nas leis que regem o crescimento, procurando concurrentemente desenvolver todas ellas, com especialidade os sentidos, a vontade e a sensibilidade (MELLO, 1902, p. 29).

A higienização da leitura e da escrita figuram como aspectos centrais na discussão sobre métodos e processos de ensino. Os sentidos, a vontade, a sensibilidade e o desenvolvimento da capacidade de reflexão merecem especial atenção na discussão sobre o ensino da leitura, como se pode observar nos trechos seguintes:

Assim, nas classes inferiores, deve-se exercitar a memoria, sem, no entanto, fazer decorar automaticamente; nas classes médias, fazer recordar e pensar; nas superiores, habituar especialmente a pensar, devendo em todas ellas predominar o habito de vêr pelos processos adequados a cada idade (MELLO, op.cit., p. 30).

Quanto aos processos de leitura, os que melhores resultados fornecem são os que revestem a apparencia de brinquedos, não só despertando a attenção da creança, como fazendo com que ella tome parte da lição.

E como a attenção depende da vontade ou da attracção do assumpto, só por este ultimo processo, estimulado pelo instincto de curiosidade, se obtem a attenção na creança, ponto de partida para o desenvolvimento da memoria e da reflexão.

Fazer com que a creança tome parte na lição, é ainda ensinar-lhe a reflectir, é desenvolver a sua espontaneidade (MELLO, op.cit., p. 30-31).

As prescrições em relação à escolha dos livros de leitura, num movimento de constituição do que seria a “boa leitura” e, por oposição, a “leitura perniciosa”, também evidenciam essa preocupação com os interesses e curiosidade infantis:

Outro inconveniente, em livros adoptados nas escolas, consiste nos contos e historietas inverosímeis, taes como quadrupedes e aves a falarem.

A curiosidade infantil levando a creança a indagar a realidade do que ouve ou lê, circumstancia de alto valor para acostumar-a a lêr com intelligencia e expressão, é de todo interesse pedagogico e hygienico a escolha dos livros para os seus primeiros ensaios de leitura.

Ao envéz de historietas phantasticas, dêem-se-lhes livros de acção, verdadeiros, onde a creança aprenda a contar com seus esforços, a agir por si mesma (MELLO, 1902, p. 31).

Na tematização da higiene da escrita, a natureza da letra assume um lugar central, recomendando-se a letra direita como aquela que menos prejuízos traria à saúde do aluno, sem contar as vantagens que apresentava do ponto de vista da rapidez, elegância e clareza. A discussão sobre as posições e atitudes dos alunos, sobretudo durante os exercícios gráficos, põe em cena o papel que deveria exercer o educador no que se refere à prevenção e à correção das posturas inadequadas ou, em outras palavras, das “*atitudes viciosas*”, o qual se traduz na seguinte máxima: “A beleza não se crêa, porém se conserva; a deformidade não desaparece, mas se atenua” (MELLO, 1902, p. 22).

Como se pode notar, as prescrições que se referem aos métodos e processos de ensino evidenciam os objetivos de rapidez, eficiência e produtividade que deveriam perpassar o trabalho pedagógico e, nessa medida, indicam a preocupação com a constituição da escola na sua dimensão temporal. Entretanto, é na discussão sobre o programa de ensino que essa preocupação se articula mais claramente. Expressa em prescrições que se voltam para a segmentação do tempo e a definição dos ritmos de trabalho, essa discussão parece indicar que o distanciamento da escola do ruído das máquinas, dos sinos, apitos, toques de corneta e, enfim, dos sinais que marcavam o tempo do traba-

lho, não responderia apenas aos propósitos de configuração da escola enquanto lugar de silêncio e atenção, mas participaria do movimento de constituição de um tempo escolar.

Horas de estudo e horas de recreio, número de matérias e sua distribuição, dimensões do programa, sedentarismo e *surmenage* são alguns dos aspectos em torno dos quais se articula essa discussão sobre a segmentação do tempo escolar, na qual o grau de atenção do aluno figura como medida:

Quanto maior numero de materias abrange um programa de ensino, tanto menos se desenvolve a intelligencia do alumno, tanto mais se sacrifica sua saude cerebral.

Esta proposição, calcada nos sãos principios da physiologia e da hygiene, devia servir de base á distribuição das materias escolares.

O aproveitamento dependendo do grau de atenção, e esta não sendo igual em todos os alumnos, ao educador, antes que ao poder official, compete distribuir as materias de ensino, consoante o grau de atenção de que cada alumno é susceptivel (MELLO, 1902, p. 34).

No roteiro de leitura que vai propondo ao longo da obra, Dr. Vieira de Mello destaca o capítulo que versa sobre as moléstias adquiridas na escola como o mais importante, aquele no qual empreende um esforço de síntese dos temas já tratados.

Estamos em face do capitulo mais importante da hygiene na escola. Corollario natural de todos quantos até aqui estudamos, elle synthetisa tudo quanto a sciencia e a experiencia nos ensinam sobre essa magna questão social.

Com sobriedade de detalhes e de considerações technicas, indicamos, a proposito de cada capitulo, noções fundamentaes de hygiene na escola.

Fizemos sentir a necessidade de ser o edificio escolar isolado de outros edificios mais altos e de tudo quanto possa fazer-lhe sombra, porque a luz, assim diminuida, representa papel preponderante na producção das

molestias escolares; insistimos na conveniência de ser bem arejado e limpo, porque o ar e o asseio repellem grande cópia de males; dispensamos aos moveis e material de ensino especial menção, porque são a fonte de deformidades e molestias que, muita vez, acompanham o individuo por toda a vida; ocupamos com certa minudencia dos programmas escolares e dos exercicios phisicos, porque os primeiros, quando mal organizados e dirigidos, são fócios de desordens organicas e os ultimos o seu corretivo natural (MELLO, 1902, p. 39).

Desse modo, pondo em destaque os problemas decorrentes da negligência em relação às prescrições enunciadas nos capítulos anteriores, quanto ao edificio, mobiliário, programas, métodos e processos de ensino, o autor procura estabelecer a justa medida entre a escola e o aluno, de modo a evitar que a escola se configurasse em obstáculo ao desenvolvimento físico e intelectual das crianças e jovens.

Um aspecto que vale a pena atentar, nesse capítulo, é o que diz respeito às posições e atitudes escolares, as quais são analisadas na sua correlação com o meio escolar. Assim, referindo-se à miopia e aos desvios da coluna vertebral enquanto moléstias propriamente escolares, o autor considera, como a sua principal causa, os vícios e defeitos das instalações. Corrigir as deformidades e, mais que isso, evitar que os alunos e alunas adquirissem “atitudes viciosas” deveria constituir-se numa preocupação fundamental da escola, em função da qual educadores e higienistas deveriam se unir.

Prescrições em relação à postura correta a ser assumida durante os trabalhos escolares e ilustrações das posturas corretas, das “atitudes viciosas” e das deformidades são elementos fundamentais na leitura desse capítulo. Quanto às prescrições, vale atentarmos para as que seguem:

“Letra direita, papel direito, corpo direito”. (...)

“Dahi a necessidade de se manter o alumno em attitude recta e conservar o papel direito, em posição mediana” (MELLO, 1902, p. 51).

A manutenção de uma postura ereta e os cuidados com a iluminação, o mobiliário, a qualidade da impressão do material escolar, as posições assumidas durante os exercícios de leitura e escrita, são algumas

das preocupações que perpassam esse capítulo, devendo os educadores, no intuito de corrigir e evitar as deformidades, cuidar do alinhamento do corpo dos alunos e alunas em relação a carteira, mesa, papel, livros. Preocupações que, como vimos, não se restringem a esse capítulo.

O conjunto da obra do Dr. Vieira de Mello é marcado pelas prescrições que visam organizar a escola tomando o corpo e a “alma” dos alunos e alunas como medida e, ao mesmo tempo, modelá-los a partir da ação do meio escolar, prevenindo e corrigindo as deformidades. Enquanto proposição básica, pode-se identificar a que se refere à produção de uma nova espacialidade e de uma nova temporalidade, subjacente à qual, está a concepção de um corpo moldável e do poder do meio externo nessa obra de modelação.

A produção de um “corpo forte” e de um “espírito sadio”, adaptado às necessidades do trabalho, no caso dos meninos, e às exigências da maternidade, no caso das meninas, figura como um imperativo em torno do qual se articulam as prescrições higiênicas que marcam a obra. Assim, o apêndice intitulado “Inspeção Medica Escolar: medidas hygienicas e administrativas” não ocupa um lugar secundário na organização da obra. Operando como uma espécie de conclusão, o apêndice exerce no livro do Dr. Vieira de Mello um papel fundamental, na medida em que, a par das considerações feitas em relação aos vários aspectos da organização escolar, propõe ao Estado de São Paulo a criação da inspeção médica periódica das escolas públicas. Recorrendo ao exemplo de países como a Rússia, Áustria, Alemanha, Holanda, Bélgica, Suíça e Inglaterra, em que esse serviço já se achava estruturado, o autor destaca o papel da inspeção médica escolar e, ao mesmo tempo, explicita as atribuições que cabiam aos médicos naqueles países.

Dentre as atribuições que deveriam caber a essa repartição, que poderia se vincular ao Serviço Sanitário, caberia a organização da estatística sanitária escolar, a qual se pautaria não apenas nos dados sobre as instalações escolares, como também em dados sobre os alunos, colhidos a partir dos exames antropométricos:

Nessas visitas, além das questões de hygiene e de salubridade, os alumnos seriam examinados e medidos anthropometricamente, consignando-se em boletins o estado de saude de cada um, a estatura, o peso, a circumferencia do peito e da

cabeça, a capacidade pulmonar, o grau de força muscular, as lesões ou deformidades, o estado das funções visuais, dos ouvidos e dos dentes, com a declaração dos exercícios físicos compatíveis com a organização individual e, em caso de necessidade, a interrupção ou suspensão dos trabalhos escolares (MELLO, 1902, p. 68).

O livro do Dr. Vieira de Mello possibilita uma aproximação das estratégias de intervenção por meio das quais os médicos-higienistas procuraram definir um modelo para a escola primária, calcado nos cânones da racionalidade científica. Alicerçado sobre os propósitos de correção e prevenção, este modelo se articulava na confluência entre os objetivos da higiene escolar e da pedagogia científica, o que justificaria a articulação entre médicos e professores na obra de vigilância constante sobre a escola, como também sobre os alunos.

A importância desse livro pode ser melhor aquilatada quando se tem em conta o lugar da sua produção, a sua circulação nas escolas primárias e, ainda, o lugar que o Dr. Vieira de Mello será chamado a assumir a partir de 1911, quando, pelo Decreto nº. 2.141, o Serviço Sanitário é reorganizado, criando-se o Serviço de Inspeção Médica Escolar. Vale notar, ainda, a sua continuidade à frente desse serviço, mesmo com a remodelação resultante da Lei nº. 1.541, de Setembro de 1916, que transformou a Inspeção Médica Escolar em uma seção da Diretoria Geral do Ensino.

## Notas finais

Neste estudo pode-se perceber que, entre a segunda metade do século XIX e início do século XX, a doutrina médico-higiênica instalou a questão educacional em sua órbita, adotando estratégias distintas para integrá-la ao seu corpo doutrinário, dentre as quais destacamos e analisamos uma tese, como expressão da presença desse tema ao longo dos seis anos de formação médica e um livro escrito por um médico, em pleno exercício do seu ofício, cuja publicação, provavelmente financiada pelo Estado, objetivou colocar a contribuição da higiene ao alcance dos professores e demais interessados na causa educacional. Tais recursos ativados pela Medicina procuram produzir o reconhecimento da necessidade de se reformar a escola, redefinindo o espaço, tempo, mobiliário, conteúdos, práti-

cas, métodos, estrutura e os sujeitos da escola. Reforma que, redesenhando a organização escolar, ampla e detalhadamente, também almejava constituir-se enquanto uma extensa “reforma de costumes”.

Nos cinquenta anos que separam a produção dos dois discursos aqui analisados, observamos a permanência da organização escolar sob a racionalidade médica, da qual são derivados os princípios mais gerais a guiar o modelo escolar, tanto quanto os mais rotineiros e, aparentemente, menores. Desse modo, não é possível descartar a hipótese de que esse se constitui em um traço da ordem médica, de seu corpo doutrinário, da corporação e das instituições responsáveis (e responsabilizadas) por assegurar a sua legitimidade. Nesse sentido, podemos afirmar que a manutenção da escola no interior do discurso médico pode ser explicada menos como uma decorrência mecânica das transformações ocorridas em outras esferas da vida social e mais como um zelo estratégico e calculado desse campo disciplinar que vê aí um modo de manter e expandir sua legitimidade para cuidar dos indivíduos e da sociedade.

## Notas

- 1 Uma versão resumida deste trabalho foi publicada no *Boletín de la Sociedad Argentina de Historia de la Educación*, sob o título Estratégias de higienização da organização escolar: a questão do corpo.
- 2 A respeito da relação entre higiene e educação no século XIX, no Rio de Janeiro, cf. Gondra, 2000.
- 3 Sobre essa relação em São Paulo, nas décadas iniciais do século XX, cf. Rocha, 2001.

## Referências

- FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- FREIRE, Jurandir. *Ordem médica e norma familiar*. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- GOMES, Antonio Francisco. *Influencia da educação physica do homem*. Rio de Janeiro: Typographia Dous de Dezembro, 1852.
- GONDRA, José G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte imperial*. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade de São Paulo/ USP, São Paulo, 2000.

- HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos (Orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LIMA, Gerson Z. *Saúde escolar e educação*. São Paulo: Cortez, 1985.
- MACHADO, Roberto et al. *Danação da norma*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MARQUES, Vera R. B. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: UNICAMP, 1994.
- MELLO, Balthazar V. *A hygiene na escola*. São Paulo: Typographia do “Diario Official”, 1902.
- ROCHA, Heloísa H. P. *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)*, 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo/ USP, São Paulo, 2001.
- ROCHA, Heloísa H. P.; GONDRA, José G. Estratégias de higienização da organização escolar: a questão do corpo (1852/1902). *Boletín de la Sociedad Argentina de Historia de la Educación*, Rosario Laborde Editor, n. 1, p. 33-39, 2000.
- SCHWARCZ, Lilia M. *O espetáculo das raças – Cientistas, instituições e a questão racial no Brasil (1870/1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

The school and the production of  
hygienic people

La Escuela y la producción de sujetos  
higienizados

Abstract

This work analyzes the education process in Brazil, between the second half of the Nineteenth Century and the beginning of the Twentieth, asking if and how the education was configured in the middle of a wide project on social intervention formulated by the medical corporation. Aiming at examining, more precisely, the representations on students body, we have relied on two types of sources: thesis defended by students graduated in medicine (as a requirement to get the title of doctor) and manuals produced by doctors practicing medicine, with the objective to divulge hygiene notion and guide the doctor-hygienic practice as part of the school's routine.

key words

Education-History; Hygiene.

Resumen

Este trabajo analiza el proceso de escolarización en Brasil entre la segunda mitad del siglo XIX y el inicio del XX, interrogando sí, y cómo la educación fue configurada en el interior del amplio proyecto de intervención social formulado por la corporación médica. Visando examinar, más precisamente, las representaciones sobre el cuerpo de los alumnos y de las alumnas, recurrimos a dos tipos de fuentes: las tesis defendidas por los concluyentes del curso de medicina como requisito para la obtención del título de doctor, y los manuales producidos por médicos, en el ejercicio de la profesión, con el objetivo de divulgar nociones de higiene y orientar las prácticas médico-higiénicas en el cotidiano de las escuelas.

Palabra-clave

Educación-Historia; Higiene Escolar.

Heloisa Helena Pimenta Rocha  
Rua Clóvis Bevilacqua, 550, F2-21,  
Guanabara, CEP 13075-040 – Campinas (SP)  
Telephone: 19-3243.9727  
heloisah@unicamp.br

José Gonçalves Gondra  
Rua Zamenhof, 46/202, Estácio, CEP  
20250-070 – Rio de Janeiro (RJ)  
Telephone: 21-2273.7116  
gondra@uerj.br

Recebido em: 13/05/2002  
Aprovado em: 22/07/2002